

JORNAL DE DOMINGO. REVISTA UNIVERSAL (JD) – Semanário ilustrado propriedade de Augusto de Sampayo Garrido, editado de 1881 a 1883 (6 de Maio), em Lisboa, e que teve como director literário (a partir do 12.º número) Manuel Joaquim **Pinheiro Chagas** (1842-1885).

O primeiro número é lançado em **Fevereiro** e nele não constam quaisquer esclarecimentos programáticos, mas folheando os primeiros números, procurando intuir a essência da publicação através das secções que a estruturam é fácil concluir que se trata fundamentalmente de um jornal de “cultura geral”, com propósito didácticos, destinado ao “grande público”: oferece crónicas de costumes e críticas ligeiras sobre espectáculos e livros sob o título «Variedades»; «Contos, Historias, Novellas e Romances»; relatos de «Viagens»; curiosidades sobre «Os Prodigios da Natureza»; e divulgação “científica” ou “tecnológica” em «Sciencia Popularizada». Um cardápio ajustado à época e ao gosto de uma classe média burguesa, conservadora, que desfruta dos benefícios materiais herdados da **Regeneração** e assiste inerte ao jogo bi-partidário. Em Março desse ano, Fontes Pereira de Melo e o seu partido «regenerador» estão de regresso ao poder, onde se manterão por cinco anos.

A **gravura** tem um peso significativo na publicação, dividindo com o texto o espaço disponível. Nos dois primeiros anos, predominam os clichés estrangeiros, característicos da primeira fase do **Romantismo** onde predominam as paisagens, as cenas populares, os heróis míticos, quadros históricos e retratos, etc. Mas ao entrar no seu terceiro ano de edição (Fevereiro de 1883), o JD anuncia a colaboração do mestre **Rafael Bordalo Pinheiro** numa secção exclusiva¹.

Apesar do sucesso das publicações ilustradas, testemunhado pelo surto que estas publicações conhecem a partir da década de 40 – *Panorama* (1837), *Universo Pittoresco* (1839), *Ilustração Luso-Brazileira* (1856) *Archivo Pittoresco* (1857), *Os Dois Mundos* (1877), *Ocidente* (1878), *Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro* (1878), entre outras – a gravura em Portugal encontra-se ainda numa fase inicial do seu desenvolvimento.

A impressão do *Jornal do Domingo* é assegurada pela Typographia e Lytographia Casa Portuguesa, sedeadada na Calçada do Tijolo, embora, por vezes, recorra aos serviços da Typographia de Christovão Augusto Rodrigues, na Rua do Norte. O semanário apresenta-se com **8 páginas**², impressas a preto, numeradas de forma contínua como era comum na época. As publicações eram concebidas como “produto coleccionável” e antes de completar-se um ano de edição, isto é, um volume ou tomo, a empresa editora

¹ O anúncio, bem como outras novidades, é feito através de um prospecto de natureza promocional, editado no início do ano editorial para relançar a publicação e cativar novos assinantes. O documento não faz parte da colecção da Hemeroteca, mas está disponível na Biblioteca Nacional.

² Trata-se de um in-quarto. Encontrando-se a publicação encadernada não é possível informar com segurança sobre as suas dimensões; indica-se apenas como referência que a altura é superior a 35 cm.

oferecia aos seus leitores a opção de compra das respectivas **capas e índices de textos**³.

Ainda no campo comercial são de sublinhar algumas estratégias que tem subjacentes conceitos e modos de operar próximos dos desenvolvidos pelo actual **marketing**, nomeadamente: o trabalho preparatório ao lançamento da publicação no mercado com a edição de um “**número prospecto**”⁴ fundamental para assegurar a venda das primeiras assinaturas que garantiriam, provavelmente, a sustentabilidade financeira do projecto, já que a publicidade é inexistente; ou a **oferta de brindes** para incentivar a assinatura do jornal⁵.

O preço de venda do JD – avulso: **60 réis**⁶ –, está dentro dos valores médios para o tipo de publicação, embora muito superiores aos praticados por alguma da imprensa de natureza noticiosa que chegava a vender a 10 réis. A explicação para esta disparidade está nos níveis de tiragem que aquela alcança e também na publicidade que representava novos e crescentes rendimentos. O JD terá atingido os **4 500 exemplares de tiragem**⁷, muito longe dos 17 000 alcançados pelo *Diário de Notícias* em 1869⁸, e não tinha publicidade.

Editado 10 anos após as célebres **Conferências do Casino** – dinamizadas por Antero de Quental e protagonizadas pela chamada Geração de 70 –, que marcaram o eclodir do realismo, e contando com um quadro de colaboradores relativamente eclético⁹, o *Jornal do Domingo* faz eco das mudanças ocorridas

³ Cf. JD, Vol. 1, nº 50 (29 Janeiro 1882). Na última página a gerência informa: «Encarregámos uma das principaes officinas de Lisboa de fazer as capas para o primeiro volume do *Jornal do Domingo*. Referimo-nos ao magnifico atelier de encadernação anexa á casa editora de David Corazzi. Isto equivale a dizer que as capas feitas em percaline vermelha, com enfeites a preto e letras douradas reunirão a um tempo, perfeição, gosto e mocidade no preço que é de 700 réis as requisições devem ser formuladas até ao dia 13 de Fevereiro». As despesas de transporte, calculadas em 30 réis por capa, não são assumidas pela empresa.

⁴ O «número prospecto» não está incluído na colecção da Hemeroteca, mas a sua existência é referida em *Jornais e Revistas Portugueses do Sec. XIX*, de Gina Guedes Rafael e Manuela Santos, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1998-2002, Vol. 2, pp. 40-41. Além do mais, só um conhecimento prévio por parte dos leitores pode explicar a informação da secção «Expediente» que consta na última página do primeiro número: «Muitos dos nossos assignantes mostraram o desejo de que o título – JORNAL DO DOMINGO – fosse impresso a tinta preta. Para evitar equívocos e futuras reclamações, declaramos que foi sempre nossa intenção imprimir com tinta encarnada unicamente o titulo do primeiro numero, á imitação do que se pratica no estrangeiro. Os números que se lhe seguirem serão, pois, impressos a preto.»

⁵ Cf. JD, Vol. 2, nº 3 (12 Março 1882). Na secção «Expediente», na ultima página, informa-se os assinantes que «desde o dia 8 do corrente no Chiado, esquina da Travessa do Estevam Galhardo, o brinde a preço reduzido offerecido pela empreza, será distribuído na próxima semana aos srs. assignantes e correspondentes.» Trata-se de uma gravura de Gustavo Doré, *Queda dos Anjos*, sobre a qual se dão informações pormenorizadas no JD, Vol. 2, nº 6 (2 Abril 1882), p. 46.

⁶ No seu 3.º ano de edição, o JD baixou o preço de venda avulsa para 50 réis, como é anunciado em prospecto, a par de outras novidades. O documento não faz parte da colecção da Hemeroteca mas está disponível na Biblioteca Nacional.

⁷ Cf. JD, Vol. 1, nº 7 (3 Abril 1881), p. 50.

⁸ Cf. TENGARRINHA, José, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2.ª Edição, Lisboa, Caminho, 1989, p. 227.

⁹ Nos dois primeiros volumes são apresentados como colaboradores literários: «Alberto Oliveira, Alphonse Daudet, Augusto V., Brito Aranha, Bulhão Pato, Castro Alves, Constant

no âmbito do **Romantismo**, através da perspectiva crítica com que a primeira geração romântica recebeu as propostas dos novos “estrangeirados”.

O primeiro número de Maio, anuncia em manchete, que **Pinheiro Chagas** aceitou o convite para assumir a direcção literária da publicação, «feliz acontecimento» que, na perspectiva do proprietário, não deixará de se repercutir num «notável melhoramento tanto na redacção como na escolha dos artigos». Esperanças óbvias se considerarmos quer a visibilidade e o prestígio da figura, quer a sua experiência como jornalista e como homem de letras. Pinheiro Chagas estava, além do mais, indelevelmente ligado às referidas Conferências do Casino: estreou-se como deputado realizando uma defesa veemente do governo que ordenou o seu encerramento compulsivo. Está, portanto, no campo oposto à intelectualidade “dissidente” que contesta a paz amorfa que reina no país e exige reformas inspiradas nas novas teorias filosóficas e científicas que agitam a Europa há já alguns anos: o **evolucionismo** de Darwin, o **positivismo** de Comte, o **socialismo** de Proudhon, a **dialéctica** de Hegel.

No campo da literatura, as Conferências representarão a ruptura com os parâmetros românticos anteriores, substituindo a retórica idealista e sentimental por uma aproximação ao real. Uma dinâmica que tem subjacente as preocupações de natureza humanitária e social da nova geração e, conseqüentemente, um fortalecimento da missão interveniente do escritor.

É a reacção crítica a essas novas propostas de temas e géneros que se encontra reflectida na secção «Actualidades», inaugurada por Pinheiro Chagas, sob a forma de crónicas de natureza diversa, mas maioritariamente sobre a oferta cultural de Lisboa e outras cidades (teatro, opera, música, literatura, etc.).¹⁰ Em geral, os comentários são pouco profundos e em tom condescendente, como convém aliás, a um jornal de entretenimento, mas por força da inspiração do dia ou da indignação que a matéria lhe suscita também endurece o discurso e assume a provocação: «Ora vá para o diabo sr. Fialho de Almeida com o seu naturalismo, com o seu Zola, com as rãs, e com a sua erudição de *Diccionario Zoológico*.»¹¹ – sentença arrogante sobre os *Contos*, obra daquele autor, recentemente editada e objecto da crítica favorável de um jovem cronista do Porto, **Jayme de Séguier**, que assina como Iriel no *Folha Nova*. Este terá mesmo desenvolvido uma análise comparativa com a obra *Sempre Amigos*, de Júlio Diniz, que Pinheiro Chagas rebate com algum pormenor.

Amero, Christovão Ayres, Cunha Bellem, Cunha e Sá, Delphim de Almeida, E. A., Elie Berthet, Eugénio Chavette, Fernando Caldeira, Francisco do Amaral, Gastão Mesnier, Gervásio Lobato, Gonçalves Crespo, Guerra Junqueiro, Guimarães Fonseca, Jayme de Séguier, João de Mendonça, João Tadeschi, José António de Freitas, José de Sousa Monteiro, Júlio Cezar Machado, Júlio de Magalhães, Latino Coelho, Luiz Guimarães Júnior, Luiz Osório, Pinto Ribeiro, Thomaz Wood, Urbano de Castro, Victor Tissot, V. de Castilho, entre outros.»

¹⁰ Além das «Actualidades», Pinheiro Chagas cria as secções: «Horas de Ócio», espaço reservado á comunicação inter-leitores; «Rosicler», para a poesia; «Domingo histórico»; e «Livros Novos».

¹¹ Cf. JD, Vol. 1, nº 25 (7 Agosto 1881), pp. 193-194.

Mais raras são as incursões sobre terreno político, mas também as há, e temperadas de ironia para refrescar do “calor” de Agosto: «No seu zelo pelo bem estar dos cidadãos, o governo põe os jornalistas á sombra, e os empregados ao fresco. O governo aos poetas, se não lhes oferece limonadas, oferece-lhes pelo menos o limoeiro, e, apesar d’isso, o republicanismo continua a invadir-nos, e todos querem ser republicanos, (...), não porque queiram estar sem rei, mas porque querem estar sans-culottes.»¹²

Embora não partilhem o mesmo ideário, Pinheiro Chagas reconhece talento ao jovem Iriel e, pouco tempo depois, convidá-lo-á para o substituir na redacção das crónicas semanais do JD. Na sua estreia¹³, o moço não esquece os agradecimentos devidos ao mestre, sublinhando a responsabilidade de «substituir o nome glorioso» e o «seu estylo impetuoso e fulgente de imagens, que sabe, no seu desdobramento torrencial, fixar na passagem as cores mais vivas, os contornos mais firmes, os perfumes mais raros» - um exagero a raiar a ironia? ou um sinal de uma mentalidade oportunista que partilha elogios? Fica a dúvida, mas é inegável a mudança do sentido estético das crónicas «Actualidades», doravante mais favoráveis aos novos artistas.

Em Janeiro do ano seguinte, a secção «Expediente» informa sobre o fim da colaboração de **Jayme de Séguier**, ou Iriel, por razões de excesso de trabalho. Para o substituir, são convidados não um mas «três dos mais brilhantes escriptores humorísticos» e a justificação do número é claramente um sinal dos tempos: «Com a febre de jornalismo que nos invade agora, escriptores, como os que convidámos, são, da mesma forma que Iriel, muito requestados; cada um d’elles *de per si* não teria tempo para sustentar permanentemente a secção das *Actualidades*. Todos três podem fazel-o facilmente.»¹⁴

Para “prender” o leitor, criar suspense – questão importante no início de um novo ano editorial –, a identidade dos novos colaboradores é camuflada sob os pseudónimos «Mané», «Thekel» e «Pharés», palavras proféticas do episódio bíblico do festim de Baltazar, e de expressivo sentido: ‘Contado’, ‘Pesado’ e ‘Dividido’, respectivamente. Tal era o estado do reino de Baltazar, ali evocado em claro paralelismo com o reino de Portugal. Os três colaboradores são: **Gervásio Lobato**, **Urbano de Castro** e **Mariano Pina**, mas quem é quem? «Não lh’o diremos, caros leitores, adivinhem.»¹⁵

Pela pena dos novos colaboradores, a actualidade política ganha uma nova relevância no JD, ao ponto de alguns leitores se sentirem incomodados. Os esclarecimentos não tardam: «Escaparam a um dos nossos chronistas, na expansão da sua veia humorística, alguns epigramas, que, sem a mínima preocupação politica, iam, comtudo, ferir personagens políticos. Logo lhe pedimos, muito antes de recebermos a carta de E. R., que se abstivesse de allusões de qualquer ordem, que pudessem dar, ainda que involuntariamente,

¹² Cf. JD, Vol. 1, nº 24 (31 Julho 1881), pp. 185-186.

¹³ Cf. JD, Vol. 1, nº 29 (4 Setembro 1881), p. 226

¹⁴ Cf. JD, Vol. 1, nº 46 (1 Janeiro 1882), pp. 361-362.

¹⁵ Idem. As “máscaras” acabarão por ser levantadas revelando que Mané é Mariano Pina, Thekel é Urbano de Castro e Pharés é Gervásio Lobato – Cf. JD, Vol. 2, nº 16 (11 Junho 1882), pp. 121-122.

ao nosso Jornal uma feição política, que elle não póde nem quer ter.»¹⁶ Mas de pouco valeram as advertências. Os comentários políticos mantêm-se e cada vez mais directos e provocadores: «Desde que o sr. Arrobas pediu a demissão tem estado tudo n'um socego que até faz gosto ver – ninguém canta a Marselhesa, ninguém levanta vivas á Republica, - um cumulo de tranquillidade! Se ao governo convem que este bom estado se prolongue, bom remédio – não nomeie governador civil – desaparece uma verba no orçamento da despesa, e ao mesmo tempo, o que é muito mais importante – desaparece a hydra.»¹⁷

Em Junho desse ano de 1882, na sequência da partida de Mariano Pina para Paris, o JD passa a contar com dois novos talentos: o poeta **Marcelino Mesquita** e **Gomes da Silva**. Mas a linha editorial mantêm-se fazendo eco da “conspiração revolucionária” que vai minando a Monarquia: «É bom refrescar os vulcões latentes com um copo de cerveja e amenizar o áspero cortante das frases dos Desmolin, com uma cançoneta, que peça a *lanterna* não para armar a força, mas para armar... ao *effeito*. (...) Está-se sobre um abysmo.» - vaticina Mariano Mesquita, em Julho do ano da graça de 1882.

Em Maio do ano seguinte, o JD desaparece e, alguns meses depois, em Outubro, Pinheiro Chagas é nomeado ministro da Marinha, do governo de Fontes Pereira de Melo.

Rita Correia
(06/09/2007)

Bibliografia: *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, Lisboa-Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, Limitada, s.d; FRANÇA, José-Augusto, *O Romantismo em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999; RAFAEL, Gina Guedes, e SANTOS, Manuela (org. e coord.), *Jornais e Revistas Portugueses do Séc. XIX*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1998-2002; ROCHA, Clara, *Revistas Literárias do século XX em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1985; TENGARRINHA, José, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2.^a Edição, Lisboa, Caminho, 1989.

¹⁶ Cf. JD, Vol. 1, nº 48 (15 Janeiro 1882), p. 384.

¹⁷ Cf. JD, Vol. II, nº 15 (4 Junho 1882), p. 114.